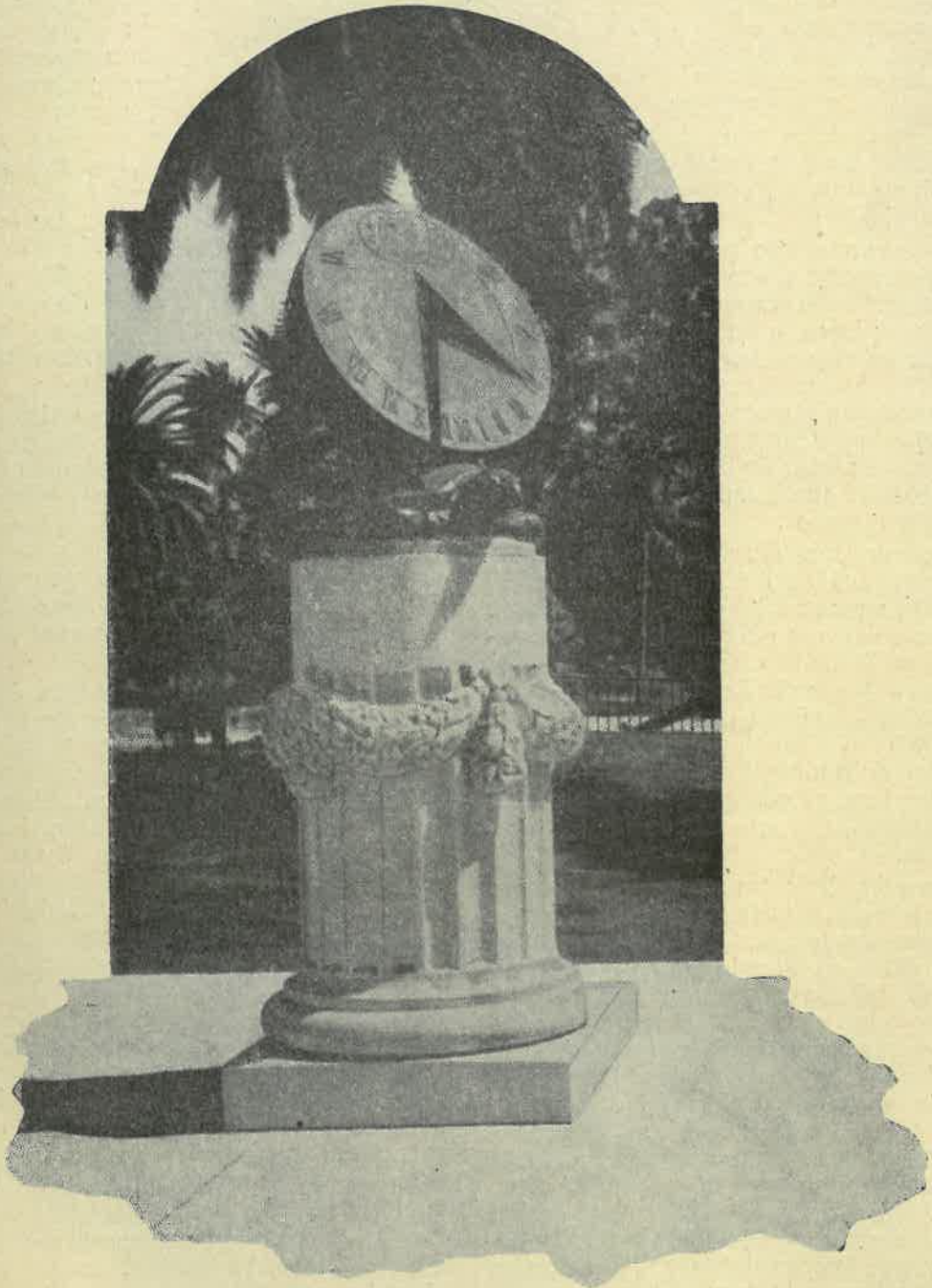


REVISTA ADVENTISTA

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia



«Irmãos, à cerca dos tempos e das estações não necessitais de que vos escreva porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como ladrão de noite».

S. Paulo aos Tessalonicenses 5:1 — 2

Sinais da Vinda de Cristo

«Dize-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?» Mat. 24:3. Esta pergunta foi feita a Jesus pelos seus discípulos. Se o seu Mestre deveria voltar outra vez, êles necessitavam saber quando é que isso aconteceria.

A pergunta não ficou sem resposta. No que respeita a acontecimentos de tão vital importância como êstes, Deus não tencionava deixar o homem na ignorância. Se a obra dos profetas nos dá uma lição, essa lição é que Deus tornou o homem Seu confidente quanto aos Seus planos e propósitos para o mundo. Os profetas tornaram-se fontes de informações de vital importância, que Deus encarregou de transmitir a outros.

Quando Deus faz alguma coisa importante que envolva o homem ou o mundo, não o faz nunca súbita e inesperadamente, na precipitação do momento. Os pensamentos de Deus são pensamentos longos, e os Seus planos são de alcance longínquo. Quando «a plenitude dos tempos» chega, os planos são amplamente trazidos ao encontro de tôdas as condições que Êle antes prevera, as quais Êle está preparado para enfrentar com sabedoria e compreensão.

Quando Deus trouxe juízos sôbre as nações antigas, mensagens de aviso foram enviadas a seu tempo. Quando Deus enviou o Seu filho ao mundo, a natureza e o tempo de tal evento foram preditos de tal maneira e tão detalhadamente, que todos quantos quizessem podiam estar prontos para dar-lhe as boas-vindas. Quando a segunda vinda de Cristo foi anunciada, foram dados muitos sinais por meio dos quais os homens poderiam saber quando se aproxima essa hora do destino.

Se alguém deseja saber qual será o sinal da vinda de Cristo e do fim do mundo, tudo o que necessita fazer é voltar-se para as palavras de Jesus e dos Seus profetas. Ali a resposta é dada com uma riqueza de detalhe não encontrada em conexão com qualquer outro acontecimento. Sôbre êste assunto ninguém precisa de ser deixado nas trevas. Dêse

por *Edwin E. Thiele*

tempo Jesus declarou: «Aprendeí pois esta parábola da figueira; Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam fôlhas, sabeis que está próximo o estio. Igualmente, quando virdes tôdas estas coisas, sabeí que êle está próximo, às portas». Mat. 24:32-33. Paulo também declarou: «Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquêle dia vos surpreenda como um ladrão. Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas». I Tess. 5:4-5.

Os sinais da vinda de Cristo foram expostos com tanto detalhe e clareza que seria possível a todos saber com segurança quando se aproximaria essa hora. Tal como o homem podia saber que o verão estava próximo quando via as árvores brotarem fôlhas dos seus ramos, assim êle pode saber que o dia do Senhor está às portas quando os sinais preditos apareçam na terra e no céu.

Os sinais dados por Deus e pelos Seus profetas eram de tal natureza, que podiam ser reconhecidos por todos. Havia sinais que deviam ocorrer entre as nações — sinais no mundo político, religioso e económico; sinais na natureza; sinais nos céus. Deus pretendia que êstes sinais fôsse de tal natureza, que deveriam tocar e despertar os homens, conduzindo-os a inquirir quanto ao seu significado. Era seu propósito que, quando os sinais fôsse vistos, o homem pensasse n'Êle e nas predições que tinham sido feitas, e que, vendo, pudessem crêr. Êste propósito foi alcançado, e o seu objectivo ao dar os sinais está sendo cumprido. Todos os habitantes do mundo estão vendo o cumprimento das predições divinas, e vendo-o, estão sendo levados a conhecer que a vinda do dia do Senhor está próxima.

Ao lermos os relatos proféticos da vinda do dia do Senhor, somos impressionados pelo facto de que continuamente revelou Deus os mesmos sinais e os mesmos detalhes a diferentes profetas, vivendo em diferentes países, em épocas largamente distantes. Assim foi que por intermédio de Joel veiu a seguinte pre-

dição: «E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumo. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue antes que venha o grande e terrível dia do Senhor». Joel 2:30-31. Muitos séculos mais tarde, quando ainda Jesus estava na terra, disse: «E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas». Mat. 24:29.

No último livro da Bíblia João dá a sua descrição destes eventos: «E, havendo aberto o sexto selo, olhei e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares». Apoc. 6:12-14.

Os eventos aqui descritos são sucessivos. Alguns já ocorreram, outros estão ainda no futuro. A grande tribulação da Idade Média, o tremor de terra de Lisboa em 1755, o dia escuro de 1780, a chuva de meteoros de 1833, já pertencem à história. O abalo das potências do céu e da terra são acontecimentos futuros.

Outros sinais ainda deviam ocorrer no campo da natureza: «E haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas tôdas estas coisas são o princípio das dôres». Mat. 24:7-8. Tais fenômenos no mundo natural são coisas sobre as quais o homem não tem contrôle. São classificadas pelos homens como actos de Deus. Há muito tempo o grande Deus do céu predisse êstes eventos. A' medida que os homens em tôdas as partes do mundo estão observando o seu cumprimento, estão sendo encaminhados a verificar o seu significado como precursores do grande e terrível dia do Senhor.

Em adição aos sinais atrás mencionados, Cristo declarou que haveria «na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas. E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória». Luc. 21:25-27. Não nos ajuda esta profecia a compreender onde estamos na história do mundo? A angústia das nações, a perplexidade, a queda dos corações dos ho-

mens pelo temor — são coisas que já estamos vendo no mundo hodierno. Mas o abalo das potências dos céus é ainda futuro. E imediatamente após êste será a vinda do Filho do homem.

Tiago prediz sinais no mundo financeiro e industrial: «Eia pois agora vós ricos, chorai e pranteai, por vossas míserias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso oiro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós... Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos». Tiago 5:1-3.

Paulo deu a seguinte comovedora descrição das deploráveis condições morais que prevaleceriam: «Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mãis, ingratos, profanos. Sem affecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus». 2 Tim. 3:1-4.

Cristo predisse que «surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fôra, enganariam até os escolhidos».

Pedro declarou que «nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram tôdas as coisas permanecem como desde o princípio da criação». 2 Pedro 3:3-4.

Enquanto todos os acontecimentos acima são o lado escuro do quadro, foi também predito nem mais pelo próprio Salvador que «êste evangelho do reino será prègado em todo o mundo em testemunho a tôdas as gentes, e então virá o fim». Mat. 24:14.

Lançando um olhar sobre estas descrições proféticas das condições que prevaleceriam imediatamente antes da segunda vinda de Cristo, qualquer pessoa verificará que elas constituem um quadro composto da nossa época. Eis aqui uma descrição do mundo tal como Deus viu que êle seria no tempo do fim. Ei-lo tal como

(Continúa na pág. 9)



ENTÃO

Por **M. L. Andreasen**

Há qualquer coisa de verdadeiramente consolador na maneira como Jesus respondeu às perguntas, «Quando acontecerão estas coisas? e qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo?» Mat. 24:3. O leitor encontra êste assunto discutido plenamente no artigo atrás publicado «Sinais da Vinda de Cristo». Agora desejamos apenas salientar a natureza agradável e compreensiva da resposta. «Êste evangelho do reino será prêgado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes», disse Êle, «e então virá o fim». Vers. 14.

Quem deveria fazer esta prêgação a todo o mundo? Jesus respondeu, «Ide por todo o mundo, e prêgai o evangelho a tôda a criatura». Marcos 16:15. Isto colocava o fardo da prêgação aos ombros dos discípulos. Ide, disse-lhes Cristo, prêgai o evangelho a tôda a criatura. Quando tiverdes feito isto, então virá o fim.

Como podemos notar, esta afirmação não só respondia à sua pergunta mas também lhes confiava um trabalho, de cuja efectivação com sucesso dependia a determinação da resposta à pergunta sôbre a vinda do Senhor. Cristo não anunciou uma data arbitrária em que viria. Não o fez nessa altura, nem em qualquer outra subsequente disse o tempo exacto da Sua vinda. Mas disse-nos para sermos fiéis no nosso trabalho, para terminarmos a tarefa que nos foi confiada, e quando tivermos completado o nosso trabalho como Êle completou o Seu, então Êle virá.

Chamamos consoladora a esta resposta; porque nos mostra a íntima conexão entre Deus e o Seu povo. Deus deu-nos uma obra para fazer, e espera que a façamos. Êle deseja que a acabemos; e quando o tivermos feito, então Êle virá. Isto faz-nos participantes com Deus na grande obra da prêgação do evangelho, conduzindo quási até ao fim dêste reino do pecado.

Mas também coloca uma tremenda responsabilidade sôbre nós. Pelo nosso desleixo podemos estar atrasando a vinda do Senhor. Há um factor compensador,

entretanto. Pela nossa fidelidade podemos também apressar a Sua vinda. Pedro refere-se a isso quando diz «aguardando e apressando a vinda do dia de Deus» 2 Ped. 3:12 (margem, versão inglesa). Dentro de certos limites é possível ao povo de Deus apressar, tanto como atrazar a vinda do Senhor. Isto deveria fazer-nos sóbrios e tornar-nos mais fiéis na execução do trabalho que nos é confiado. Mas também nos gloriamos no pensamento de que somos colaboradores com Deus, que Êle nos tomou como companheiros, e que somos um factor definido no acabamento da obra de Deus, e no apressamento da vinda do dia do Senhor.

Já notámos devidamente a afirmação de Cristo «Então virá o fim». Outras afirmações semelhantes, conduzindo a êste acontecimento culminante, são apresentadas no capítulo 24 de S. Mateus.

Quando vissem o cumprimento de certas predições de Daniel, «*então* os que estiveram na Judeia fujam para os montes». «Haverá *então* grande tribulação tal como nunca houve desde o princípio do mundo, nem haverá jãmais». «*Então*, se alguém vos disser: Vinde, aqui está o Cristo, ou ei-lo acolá; não lhes deis crédito». «*Então* aparecerá o sinal do Filho do homem nos céus; e tôdas as tribus da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem vindo sôbre as nuvens dos céus com poder e grande glória». «*Então* se dois estiverem no campo; um será tomado e outro será deixado».

Tôdas estas passagens que nos ocorrem no capítulo perante nós, depois do versículo 14, têm a palavra «então», com excepção de um «então» no versículo 45, que é traduzido de uma outra palavra no original, que não se refere a tempo.

Tôdas estas passagens juntas, nenhuma dá tempo determinado para a vinda do Senhor, embora nelas apareça o elemento tempo. Apresentamo-las para salientar o factó que Cristo desejava fazer saber aos Seus discípulos, e a todos, que há certas coisas que devem ter lugar antes que Êle venha; que mesmo desejando Êle

VIRÁ O FIM...

«E êste evangelho do reino será prêgado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes; e então virá o fim». Mat. 24:14

que a Sua Igreja complete a sua obra de prêgar o evangelho em todo o mundo, para que seja assim preparado o caminho para a Sua vinda, há também certos outros sinais que devem ocorrer antes do Seu aparecimento.

«Quando virdes que a abominação da desolação, de que fala o profeta Daniel, está no lugar Santo, (aquele que lê entenda) então aqueles que estiverem na Judeia fujam para os montes». Vers. 15-16.

O livro de Daniel é um dos livros da Bíblia cuja leitura e estudo são mais negligenciados. A maior parte dos cristãos lêem apenas o Novo Testamento e certas passagens selectas do Velho, tais como os Salmos e Isaias. Isto é bom; mas há o perigo que ao lê-las percamos algumas passagens importantes escritas para nossa instrução e compreensão.

A referência de Cristo ao livro de Daniel, é digna de ser notada. «Aquêlê que lê entenda». Isto Êle disse com referência à profecia de Daniel. A conexão com a qual Êle a mencionou, aumenta o seu significado para êste tempo. «Êle estava discutindo o assunto da Sua volta. Estava, com efeito, dizendo: Se estais interessados em saber o que acontecerá no futuro, lêde Daniel. Se desejais saber quais serão os sinais percursores do dia da minha vinda, para que estejais melhor preparados e sejais mais inteligentes na vossa fé, lêde Daniel». Um tal mandamento e um tal convite, não devemos negligenciá-lo.

Deve ser considerado significativo que Cristo tenha apontado simplesmente um determinado livro e pedido àquêles que o lêem que tentem compreendê-lo. «Aquêlê que lê entenda», ou «considere», «note», «dê atenção a», «pense», «observe», tal como é variadamente traduzido. É um encorajamento definido do Senhor mesmo, para lutar em volta das profecias de Daniel, dando-nos esperança que é possível compreendê-las. Sem esta possibilidade e esperança, haveria pouco motivo para Cristo nos encorajar a lê-las.

É significativo que o livro de Daniel

é aquêlê que mais tem sofrido o fôgo dos críticos e dos incrêdulos. Lia Cristo o futuro, sabia qual seria o destino do livro nas mãos dos seus inimigos e, sabendo isto, deu-lhe a Sua influência e autoridade? Cremos que há muito boas razões para Cristo chamar a atenção para o livro de Daniel. Da conexão com o qual Êle o menciona, torna-se claro que há assuntos contidos nêle que lançam luz sôbre o assunto que estava a ser discutido, a Sua volta a esta terra. Em vista disto, lançemos um breve golpe de vista sôbre o livro de Daniel, especialmente aquelas partes que tocam no assunto da volta do Senhor, e do estabelecimento do reino de Deus.

O primeiro capítulo contém a história dos quatro jôvens Hebreus que foram tomados cativos por Nabucodonozor e levados para Babilônia. Aqui êles distinguiram-se pela sua habilidade e sabedoria, foram-lhes concedidos favores especiais, e educados a expensas do govêrno. Daniel era o principal dêstes quatro, e é a êle, especificamente, que o livro diz respeito.

O segundo capítulo contém a história de um sonho que o rei teve e do qual êle não era capaz de recordar-se. Quando os sábios falharam em satisfazer o rei, Daniel foi chamado por último. Dando crédito ao Deus do céu, êle não só disse como interpretou o sonho, e o rei honrou-o acima de todos.

O sonho tinha que ver com o futuro. O rei tinha estado preocupado com o que aconteceria quando êle já não estivesse capaz de dirigir os negócios do estado. O seu filho não se tinha mostrado muito digno da confiança que naturalmente lhe seria depositada após a morte de seu pai, e Nabucodonozor temia que depois da sua partida o reino pudesse fragmentar-se. Foi com êstes pensamentos em mente que caiu em profundo sono e veiu a êle o sonho de que não era capaz de lembrar-se, conquanto se lembrasse o suficiente para saber que era de importância.

Não necessitamos aqui de perder

(Conclui na pág. 11)

O Capítulo VII de Daniel

segundo Fr. Heitor Pinto

Na Universidade de Coimbra funcionou, como é sabido, a Cadeira da Sagrada Escritura, durante quasi quatro séculos, até 1910. Por ela passaram alguns lentes de real valor, que publicaram vários comentários à Bíblia, escritos em latim, e que seriam dignos de estudo por parte daqueles que se interessam pelo conhecimento do Livro Sagrado.

Entre esses lentes ocupa lugar de destaque Fr. Heitor Pinto, falecido em 1584, que, além do clássico livro em português *Imagem da Vida Cristã*, escreveu volumosos comentários em latim aos livros de Ezequiel, Isaias, Jeremias, Naum e Daniel. Como frade jeronimita, pertencia a boa escola escriturística — a de S. Jerónimo, tendo ainda a auxiliá-lo o conhecimento profundo que possuía das línguas hebraica, aramaica e grega. É a um desses comentários, *In divum vatem Danielelem commentarii* (Coimbra 1579), que vamos recorrer neste breve estudo do cap. VII de Daniel.

*

Eu estava olhando, na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu combatiam no mar grande, e quatro animais grandes, diferentes uns dos outros subiam do mar. (v. 2,3). — «O mar é o mundo, o seu movimento é o turbulento tumulto das discórdias e guerras; os ventos são as vaidades, o desejo de dominar, a arrogância, o espírito de soberba, donde nascem as guerras; os animais são impérios, da avidez dos quais se originam as perturbações das coisas». (fol. 136).

O primeiro era como leão (v. 3). — «Assim como Nabucodonosor na estátua é comparado ao ouro, que é mais precioso do que os outros metais; assim agora é comparado a um leão que é mais excelente do que os outros animais irracionais». (fol. 136 v.). Seguem nesta altura alguns pontos de contacto entre o reino da Babilónia e as ideias sugeridas pelo símbolo do leão, e que omitimos para não se alongar demasiado este artigo.

O segundo animal, semelhante a um urso (v. 5). — «Por este segundo animal significa-se o reino dos Persas, que é comparado com um urso devido à sua dureza, ferocidade e tolerância de trabalhos». (fol. 137 v.).

E eis aqui outro, semelhante a um leopardo (v. 6). — «O terceiro reino é o dos Macedónios ou dos Gregos, que é comparado com o leopardo, animal velocíssimo, que corre precipitadamente em busca de sangue. Com efeito, nada foi mais rápido do que a vitória de Alexandre Magno, etc.» (fol. 139).

Eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte (v. 7). — «O quarto império é o romano, representado por este quarto animal sem nome. (...) Este animal era terrível, devido ao terror que os romanos infundiam às outras nações. Era admirável pela eloquência, organização, política, prudência, justiça e outras virtudes morais. Diz-se que era forte, devido à sua excelsa grandeza de ânimo e à fortaleza dos seus exércitos, etc.» (fol. 139 v.).

O qual tinha dentes grandes de ferro (v. 7). — «Isto é, tinha grande poder. Pode também entender-se pelos grandes dentes de ferro a crueldade do império romano...» (fol. 139 v.).

E tinha dez pontas (v. 7). — «Isto é, dez principais reinos». (É aqui feita referência a idêntico sentido em Zac. 1:18,19). «Talvez nesta passagem de Daniel se tome um número definido por um indefinido, significando assim as dez pontas muitos reinos, ou muitos reis. «São citados neste sentido, Num. 14, Job 19, 1 Reis 1, Ecl. 7, Mat. 25). «Ou então as dez pontas são dez reis que, existindo simultaneamente perto do fim do mundo, dividem o império romano. Assim diz também S. Jerónimo. Digamos o que todos os escritores eclesiásticos apresentaram: no fim do mundo será destruído o reino dos romanos, haverá dez reis, que dividirão entre si a cidade romana...» (fol. 140). Como se vê, Heitor Pinto sente-se indeciso nesta interpretação, que resulta obscura, visto o império romano ter já terminado antes do fim do mundo. Porque não terá êle dito claramente que as dez pontas foram os reinos em que se esfacelou o império romano após a invasão dos bárbaros?

Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena (v. 8). — «S. Jerónimo diz que por esta ponta se compreende o Anticristo. E esta é a opinião comum, que perfilham quasi todos os que explicaram esta passagem. O Anticristo é comparado a uma ponta por causa da sua soberba e poder; mas diz-se pequena, porque terá um início ignóbil e obscuro; mas, ainda que pequena a princípio, depois crescerá auxiliada por Satanás e o seu poder se propagará largamente». (fol. 140).

E eis que nesta ponta havia olhos, como olhos de homem (v. 8). — «Isto é, vi que no Anticristo haveria grande perspicácia humana, representada pelos olhos do homem. Terá pois força e agudez de engenho. Estes olhos, porém, dizem-se de homem, para que não julguemos que êle seja um demónio, mas um puro homem, no qual todavia o diabo habitará familiarmente. Dizem-se também olhos de homem, porque a sua prudência não será divina, mas humana, não do espírito, mas da carne que mata». (fol. 140 v.).

E uma boca que falava grandiosamente (v. s.). — «Isto é, tinha uma boca cheia de palavras soberbíssimas... Em II Tess. 2, S. Paulo chama-o homem do pecado, filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. Tudo o que aqui diz Daniel rectamente se aplica ao Anticristo». fol. 140 v.). Adiante (fol. 145 v.), é relacionada com esta, a passagem de Apoc. 13, «E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias», como referindo-se também ao Anticristo.

Eis que esta ponta fazia guerra contra os santos e os vencia (v. 21). — «Significam-se aqui as calamidades com que o Anticristo oprimirá os crentes fiéis, muitos dos quais matará, e a outros enganará». (fol. 145 v.).

E eles serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade dum tempo (v. 25). — «Isto é, ser-lhe-á dado ou ser-lhe-á permitido este poder sobre os santos de Deus durante três anos e meio. Por tempo, segundo o costume hebraico, entende-se por ano, e por tempos dois anos, e por meio tempo meio ano... Não durará mais a crueldade do Anticristo, pois servindo-me das palavras de Cristo nosso Deus em Mat. 24, se aqueles dias não fôssem abreviados nenhuma carne se salvaria, mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias». (fol. 146). Se bem que

(Conclui na pág. 11)

"O ADVENTISMO"

Continuação da crítica ao livro do mesmo nome
escrito pelo P.^o Rolim O. F. M.

Continuaremos as nossas observações e, desta vez, com muita satisfação pois focaremos os assuntos em que concordamos por verdadeiros.

3 — Verdades de ordem geral

1.^a — Primeira verdade. Pags. 13-14.

Quere o P.^o Rolim fazer passar os ministros evangélicos e adventistas por ignorantes.

«Um comerciante que nem sequer exame de instrução primária teria, feito ministro da religião adventista-sabatista, intérprete da Bíblia e nomeadamente das profecias danielianas e apocalípticas!...».

«Pessoas e de tôdas as classes, altas e baixas, analfabetas e instruídas, a sentenciarem em coisas que não sabem e de que não entendem».

Temos de agradecer a verdade destas afirmações. Podem ajudar-nos a compreender a importância da sabedoria tão exaltada nas páginas do livro sagrado dos Provérbios. Talvez tenham o condão de fazer mudar as ideias erradas dos que julgam a ignorância um degrau de santidade. Devem ler e rereer estas críticas acerosas os que dizem que «a Igreja não precisa de doutores» em contraposição às Sagradas Escrituras que dizem dar o Espírito Santo diversos ministérios, entre os quais, o de doutor (Efésios 4:11-12).

O movimento da Reforma foi iniciado por fortes intelectualidades e, em geral, secundado pela mocidade académica e, sobretudo, universitária. Quem foi João Huss, o mártir de Constança, cuja morte levantou em péso o reino da Boémia numa guerra feroz contra as tropas romanistas? Não foi sapateiro nem comerciante; foi professor e reitor da Universidade de Praga e prêgador da côrte. Quem foi Lutero? Um duplo doutor em direito e teologia, professor e organizador da Universidade de Vitemberga, orador eloquente e não menos eloquente escritor. Não queremos perder tempo e espaço a demonstrar uma verdade bem conhecida por qualquer estudante vulgar de história: O movimento da reforma nasceu nas letras, deu impulso notável ao estudo dos antigos ramos de conhecimento e abriu novos horizontes. É natural, pois, que a Reforma caia ou não floresça onde a ignorância seja acarinhada.

Precisamos, contudo, não exagerar. Não possuir diploma de cursos secundários ou superiores não quere dizer que seja analfabeta qualquer pessoa. Todos sabem que os estudos vulgares das escolas oficiais e particulares carecem de profunda remodelação. não correspondem às exigências da vida prática. Gasta-se tempo precioso na aprendizagem de conhecimentos que são autêntica «palha». Pode-se adquirir sabedoria e erudição sem perder tempo em longos cursos liceais ou universitários.

Haverá alguém a pôr em dúvida que comerciantes e sapateiros possam ser inteligentes autodidatas e adquirir conseqüentemente aptidão necessária a bem interpretar as Sagradas Escrituras?

Visto que o P.^o Rolim fala das profecias danielianas e apocalípticas não será descabido que daqui lhe perguntemos quais são os conhecimentos que repute indispensáveis à boa interpretação das mesmas. Será o curso liceal, comercial, alguma licenseatura universitária?

Que curso teem os senhores padres? É verdade que, depois da instrução primária, andam uns bons dez anos nos seminários mas, sem dúvida, muita coisa inútil devem armazenar no espírito, porque, com franqueza, passam a vida a rezar missas em latim e acreditamos que os seus sacristães iletrados seriam capazes de fazer o mesmo. Quais são os padres, por essas aldeias de Portugal, que procuram difundir os conhecimentos vastos adquiridos nos seus grandes estudos? Nem o próprio latim, em que todos devem ser especialistas, tem alcançado penetrar na grande massa dos portugueses, ainda que trabalhem nesse sentido as escolas oficiais. O latim continua a ser o «quebra-cabeças», «o papão» dos estudantes, neste país onde o culto cristão mais vulgar é a missa!

Feitas estas observações com o fim de evitarmos o exagêro, concordamos em pedir, nas preces e por meio de estudo, que Deus envie o Seu Espírito «espírito de sabedoria, de inteligência, de conselho, de conhecimento e de temor do Senhor (Isaías 11:2)» sôbre os Seus ministros.

2.^a — Segunda Verdade. Pag. 22.

«A ignorância religiosa é um dos nossos maiores males, se não o maior».

É absoluta verdade. Parece que tem falhado a erudição dos senhores padres. Que um ministro do Evangelho não alcance difundir a religião cristã porque só sabe «sapateirar» doutrinas, ainda se compreende; o que não se pode admitir é que os eruditos sacerdotes romanos, há tantos séculos a evangelizar Portugal e, por vezes, com vantajosas condições, tenham de concordar que a ignorância religiosa é geral. Talvez seja defeito dos mestres; às vezes, os mais eruditos não são os melhores pedagogos! Uma mudança nos processos de ensino poderá dar resultado. Queixam-se dos religiosos que não frequentam a «escola» da Igreja? Em geral as escolas que ensinam mal estão sempre a lutar com falta de alunos.

Deixem de aborrecer as almas sequiosas da verdade com as vossas missas e cultos em latim. Falem-lhes em bom e claro português do século XX. Pelo menos temos a certeza que S. Paulo, se mantivesse hoje as mesmas ideias que defendeu há vinte séculos e não temos razão para acreditar o contrário, não diria a missa porque lá escreveu êle: «eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também

instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida». (1 Coríntios 14:19).

3.^a — Terceira Verdade. Pág. 77.

«Os protestantes criaram um «Papa de papel»... em vez do Papa sucessor de S. Pedro, um «Papa de papel».

Por «Papa de papel» compreende o autor os variados livros de autoridade, dentro das Igrejas Protestantes, cujo ensino é preciso acatar sob pena de excomunhão.

Já nas considerações prévias abordamos êste ponto e dissemos que é grande mal colocar qualquer livro acima da palavra de Deus. Quando os cristãos aprenderem a destrinçar o humano do divino e a conformar-se com a sã doutrina das Escrituras «que não podem ser anuladas», atingirão nível elevado da Verdade «que nos libertará».

Quem ignora a repreensão de Jesus aos religiosos do Seu tempo?

«Invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus». (S. Mateus 15:6).

A Bíblia foi e continuará a ser o livro-padrão por onde a Igreja e os cristãos teem de aferir todos os outros escritos. Por isso, se os Protestantes dos séculos passados criaram «Papas de papel», não julguem os leitores que todos os Protestantes em todos os tempos assim pensassem ou pensem. Diremos que seria mais verdadeiro escrever:

«Alguns protestantes criaram um «Papa de papel»...

4.^a — Quarta Verdade. Pág. 168.

«Muito se tem abusado e abusa do Apocalipse».

E não só do Apocalipse mas dos textos obscuros das Sagradas Escrituras. Nenhum crente ou ministro que se prese ousará impor uma interpretação qualquer, pois não podem ignorar as claras palavras de S. Pedro: «Nenhuma profecia das Escrituras é de particular interpretação» (2.^a de Pedro 1:20). Não convém uma interpretação particularista e, no entanto, é ratoeira em que muitos caem. Parece-nos que o próprio P.^e Rolim se deixou apanhar nela, na multidão de palavras interpretativas do profeta Daniel e do Apocalipse!

A ver vamos e por aqui nos quedaremos por hoje.

(Continua no próximo número)

MISSÃO AÇOREANA

Chegaram aos Açores, depois da visita ao continente pelas Assembleias, os irmãos Lourinho. Para ali partiu também o nosso aluno Pedro de Burgo que vai colportar nas férias. A nossa simpatia vai para os nossos irmãos açoreanos. É um grande e formoso campo de actividades missionárias. A Mensagem necessita de ser espalhada nas suas variadas ilhas. As últimas notícias recebidas são animadoras tanto de Ponta Delgada como da Terceira, onde estão os nossos irmãos Reis.

Que lê's?

Há muitos anos o filósofo inglês Bacon observou que «a leitura faz o homem completo». Esta declaração tem muito mais significado do que quando Bacon viveu, pois nos seus dias os livros eram escassos e escassos igualmente os leitores, pois o analfabetismo era a regra geral. Nenhuma mudança ocorreu no último século, maior do que esta do aumento enorme de livros e magazines, acompanhada com a educação geral das massas, o que virtualmente tem apagado o analfabetismo na maior parte dos países civilizados. Tempo houve, ainda na memória de algumas pessoas que ainda vivem, em que uma pessoa letrada podia esperar ter ao menos um conhecimento geral de todos os bons livros escritos por autores de distinção no seu país.

Mas êsse tempo já vai longe. Um confuso cortejo de livros de tôdas as qualidades sai literalmente da imprensa a tôda a hora, livros de factos e livros de ficção, livros técnicos e livros populares. A fechar a corrente estão os jornais e revistas, bons, maus e indiferentes. E destas duas correntes dependemos largamente quando queremos satisfazer a nossa sede intelectual.

Em não menor grau a saúde da nossa mente é determinada por esta bebida intelectual, e muito mais importante, a nossa saúde espiritual é vitalmente afectada. Há aqui um perigo real e sempre presente a enfrentar-nos. O perigo é tanto maior, porque nem sempre é evidente.

HORAS PERDIDAS

Em primeiro lugar, há o grave perigo de desperdiçarmos muitas das nossas boas horas que deveriam ter sido devotadas a melhor uso para Deus. Muito do que nós podíamos ler não pode ser inteiramente classificado como mau; é simplesmente inútil, vazio, assuntos vão's que geralmente não nos trazem nenhum conhecimento utilizável, e nenhum estímulo para a mente ou o espírito. Numa época em que a maior parte de nós tem de racionar o tempo e pode apenas permitir-se umas curtas horas para leitura, não é menos que uma calamidade devotar essas horas a leituras tão inúteis.

Mas evidentemente mais perigosa é essa larga fila de artigos que apresentam uma visão errônea da vida e religião, da moral e ideais cristãos. Às vezes essas vistas erradas são intercaladas com um ou outro bom artigo. Deviamos estar constantemente em guarda, lembrando-nos que a maior parte dos escritores de artigos que lemos têm pouco ou nada de comum conosco em matéria de ideias da vida e religião e de ideais de vida. Certamente, a menos que estejamos sempre conscientes do facto e sempre em guarda, o resultado inevitável será o escurecimento do nosso sentido de clara distinção entre o bom e o mau.

A partida da conformidade com os ideais e ética do Cristianismo tradicional, tem aumentado largamente durante décadas. E um dos sinais dos tempos. Ao procurarmos material sobre o assunto, encontrámos um relatório do Comité de Informação sobre os Movimentos Sociais (Research Comitee on Social Trends) que foi apresentado

pelo ex-presidente dos Estados Unidos Hoover durante a sua administração. Este comité publicou algumas das suas investigações numa obra intitulada «Recentes Movimentos Sociais nos Estados Unidos». Parece que o comité fez um estudo comparativo de artigos em várias revistas mencionadas no *Guia dos Leitores* (Reader's Guide) durante as três primeiras décadas do século vinte. Sobre êste período de tempo, o relatório declara: «a Bíblia infalível, os credo tradicionais, a organização da igreja, e a propagação do Cristianismo organizado têm descido duma consideração relativamente elevada, a um estado de severa crítica e oposição».

UM MOVIMENTO ALARMANTE

Um pouco mais adiante, o relatório declara: «O movimento descendente do prestígio do Cristianismo tradicional tem sido confirmado pela análise de várias séries de amostras independentes da série atrás citada. Duas destas foram baseadas na análise de números representativos do *American, Collier's, Cosmopolitan, Ladies Home Journal, Literary Digest, Saturday Evening Post e Woman's Home Companion*. Os resultados de investigações independentes concordam que a média de aprovação da crença na Bíblia, de uma vida futura, da divindade de Jesus, credos, dogmas, Cristianismo, igrejas, Associações Cristãs da Mocidade e missões, declinou radicalmente entre 1900 e 1930.

O *Sunday School Times* incorporou a citação atrás, num artigo «A procura da Fé nas revistas modernas». Explica que esta táboa n.º 10 revela que em 1900 a percentagem de artigos nesses jornais aprovando o Cristianismo tradicional era de noventa, mas que em 1930 tinha descido para unicamente sessenta.

Um outro exame que foi feito de certas revistas chamados «intelectuais», revelou que a «aprovação» do Cristianismo tradicional era de cinquenta e sete por cento nos anos de 1912-14 e apenas de dezoito por cento em 1931.

Muito mais poderia ser citado sobre o assunto dêste claro relatório. Mencionamo-lo aqui apenas de passagem, não por causa das suas notícias, pois já tem mais de dez anos, mas porque nos dá uma esclarecida e autorizada visão que interessa ao assunto que vimos discutindo, e porque sabemos que nenhum outro relatório semelhante foi publicado recentemente. Pareceria no entanto razoável concluir que o movimento que se registou num período de 30 anos, de 1900 a 1930, não tenha retrocedido nos últimos dez anos. Repetimos, por isso, que existe o grave perigo de, se não estivermos de atalala, podermos tender a absorver o ponto de vista dêstes escritores que aumentam em expressões decididamente hostis ao Cristianismo tradicional.

MISTURA DO BOM E MAU

O deplorável em muitas das revistas de hoje é que há uma estranha mistura de bom e mau. Contém por vezes um ou mais artigos de excepcional mérito, e na mesma página pode aparecer um artigo ou uma novela de ficção que fere os nossos ideais e faz sport das concepções cristãs da moralidade. Não diremos que todos nós devamos abster-nos de ter uma grande revista em nossa casa. Diremos, no entanto, que se algum bom Adventista sente que a tentação é demasiada para, ao lado da leitura de qualquer interessante e útil artigo, perder o tempo a ler algumas das lei-

turas condenáveis de ficção e outras, devia antes lembrar-se das palavras do Salvador: «Se a tua mão direita te escandalizar, corta-a», porque é melhor ir para o céu manco, do que para o inferno com as duas mãos. Poderemos perder alguma coisa de valor por não termos um certo magazine em nossa casa, mas em muitos casos, seria melhor perdê-la do que arriscar-nos ao perigo de danificar a nossa vida espiritual com o mal que êsse magazine contenha.

E, sobretudo, aquêles de nós que são pais devem ponderar mui cuidadosamente a questão sobre que género de literatura devemos ter em nossas casas. Os nossos filhos podem não ter ainda desenvolvido suficiente poder de discriminação ou estabilidade de caracter, para escolher entre o bom e o mau. Em muitos casos seria bastante melhor eliminar a maior parte dos magazines populares de nossa casa. Por fazermos isso não vamos privar os nossos filhos de boa literatura, de maneira nenhuma. Rebuscando por um momento, lembrar-nos-emos que na nossa infância não tínhamos em casa magazines com uma mistura de bom e mau; e, apesar disso, nunca nos faltou boa literatura.

A nossa denominação, particularmente o Departamento de Imprensa e Publicações, tem provido a juventude com boa quantidade de revistas e livros, para as crianças, adolescentes e mesmo para os mais velhos. Muitos vão aparecendo já publicados em português e estão ao alcance de todos. Se temos pois uns escudos extra para gastar em livros e revistas, porque não procurar primeiro o que os escritores da denominação têm para nos oferecer? Ficaremos surpreendidos ao notar que temos ainda assim uma longa fila por onde escolher. E quando lemos êste género de literatura não estamos correndo o perigo de ver as nossas concepções morais feridas ou apagadas as nossas sensibilidade espirituais.

Sim, é verdade que a leitura faz o homem completo. Tenhamos o cuidado de nos completarmos com alguma coisa que nos sustenha espiritualmente, e nos habilite a melhor sustentar a boa luta da fé.

SINAIS DA VINDA DE CRISTO

(Conclusão da pág. 3)

foi pintado pelos profetas. E ei-lo tal como nós o vemos hoje.

Não podê haver dúvida sobre qualquer êrro de identidade. Os sinais são tão numerosos, tão evidentes, tão óbvios, demasiado mesmo para nos permitirem um êrro de interpretação. Se as palavras têm algum significado, êle não pode ser outro senão que o tempo que os profetas previram com visão profética é o tempo que o leitor e eu estamos vendo perante os nossos próprios olhos.

A lição é clara. «Quando virdes tôdas estas coisas, sabeí que está próximo, às portas». Não há dúvida que estamos em meio dêstes acontecimentos; e, com todos êstes factos perante nós, podemos todos estar certos que o acontecimento culminante de todos os tempos está próximo, «às portas».

Um assunto difícil para as recém - convertidas

Espôsas e Mães

Uma pergunta muito importante que frequentemente ocorre a uma espôsa e mãe quando aceita a verdade, é esta: que farei eu quando meu marido me pedir para ir com êle ao teatro ou ao cinema? Não é pequeno problema, porque muitas vezes o marido têm grande dificuldade em compreender a atitude da espôsa, o naturalmente a espôsa hesita em ofender o marido e deixá-lo ir-se embora e buscar divertir-se e recrear-se sózinho. E então também, que pensarão as crianças?

Parece-nos que a única maneira mais apropriada de nos aproximar-mos do problema é, primeiro, fazendo em troca uma pergunta. A abstinência denominacional ao teatro e cinema é meramente arbitrária, ou reflete um principio genuinamente espiritual que deveria ser obedecido a todo o custo? Cremos que essa abstinência é baseada num principio espiritual. O teatro e o cinema apoiam-se numa ideia da vida que, em geral, é bastante alheia à nossa. Não podemos, por isso, frequentar tais lugares de divertimento sem certo perigo para os nossos ideais espirituais. E ainda verdade que assistendo a certas cenas, elas nos transformam. Poderemos nós ir ao teatro para nos rirmos de situações ou cenas ou ditos que são alheios à nossa concepção da vida, e estão talvez em aberto desacordo com as nossas concepções dos seus princípios?

A resposta a tal pergunta é evidente. Resta pois à espôsa um só caminho a seguir, e êste é de propor no seu coração não ir, não importa quanto isso lhe seja pedido. Há uma certa fôrça numa decisão firme e resoluta. Certamente já metade da batalha fica vencida.

Mas isto é apenas uma parte do problema. Não é só a salvação da espôsa que está envolvida; é também a do marido e das crianças. Como pode a espôsa esperar influenciá-los a abraçar os principios que ela professa se ela vai com êles divertir-se com produções que podem negar êsses principios? Ela coloca-se a si própria num verdadeiro bêco sem saída, ao querer esforçar-se para ganhar a sua familia para Deus, porque a maior parte das vezes a espôsa pode conseguir mais pela influência do seu exemplo na familia do que por qualquer argumento doutrinal que possa apresentar.

E há alguma coisa mais importante para uma espôsa e mãe do que procurar ganhar a sua familia para Deus? Admitimos a fôrça do argumento que por não ir com o marido a êsses lugares de divertimento a espôsa pode sofrer um pouco de desunião e perder uma certa influência sobre êle. Mas procuraremos nós manter uma influência sobre alguém no domínio da afeição terrestre se fazendo assim desperdiçamos a influência que deveríamos exercer em proveito das coisas celestiais?

Que direi eu a meu marido?

Mas quando tôdas estas perguntas estão respondidas, resta ainda uma outra difícil: Que direi eu a meu marido? Como lhe explicarei a minha nova maneira de ver de modo que o habilite a compreender que fiz uma boa decisão e a levá-lo a respeitar-me mais de que antes? Não há nenhuma resposta específica que possa ser dada. Como

com muitas outras situações. Esta depende das circunstâncias particulares de cada caso.

Em primeiro lugar, a resposta difere um tanto se o marido tem uma atitude de simpatia para com a verdade ou se a não tem. De facto, se o marido é simpatizante, a espôsa pode simplesmente falar-lhe dêste modo: «Tu mesmo concordas que fiz uma boa decisão em unir-me à Igreja Adventista. Tenho a certeza que não desejas que eu abandone a minha religião, não é verdade? E creio também que desejas que eduque nela os nossos filhos. Pois na Igreja Adventista, nós cremos que há alguma coisa melhor e de muito mais valia do que o teatro. Aprecio o teu convite para nos divertirmos um pouco esta noite. Mas gostaria mais de passar o serão contigo e com a familia juntos em casa. É-me tão agradável a tua companhia, e vejo-te tão pouco durante o dia!...»

Se o marido é antipatisante ou mesmo hostil, o caso é confessadamente muito mais difícil. Mas mesmo assim há alguma coisa que a espôsa pode dizer que pode ajudá-la a explicar o seu ponto de vista e amenizar a situação. Não queremos arrojarnos a dizer como ela deve medir as suas palavras, mas oferecemos uma sugestão ou duas. Poderia talvez dizer:

«É realmente muito amável da tua parte convidares-me a sair contigo esta noite. Realmente aprecio muito o teu convite. Mas sei que apesar de não teres interesse pela igreja a que pertenço, não desejarias que eu fôsse hipócrita. E das coisas picres que uma pessoa pode ser, não achas? Portanto, espero que apreciarás a minha franqueza: A Igreja Adventista não crê no teatro e eu também não. Não vais desejar que eu criea uma coisa no Sábado e outra durante a semana. Tenho a certeza que não desejas tal. E realmente creio que tu mesmo concordas que um pouco de religião seria bom para os nossos filhos. Êles são a coisa mais preciosa que temos no mundo. Mas como poderia eu ter sucesso em ensinar-lhe ideias religiosas se actuasse como uma hipócrita, e vivesse uma vida dupla no que concerne a principios religiosos? Desde que pertence à Igreja Adventista, tenho mais interesse por ti e pelas crianças do que nunca antes. Desejo realmente tornar o lar o lugar mais feliz e mais delicioso de todo o mundo. Mas não precisas de levar-me ao teatro para mostrares que és carinhoso para comigo. Ficarei mais contente se ficares comigo em casa esta noite».

A cruz que devemos levar

Não queremos ser tão presunçosos que vamos dizer que uma tal resposta da espôsa iria infalivelmente facilitar a situação ou mudar a atitude do marido. Em muitos casos provavelmente não o fará, porque por vezes o marido é inteiramente alheio a reflexões, especialmente quando é inimigo da Igreja. Em tais casos temos de dizer simplesmente que tão infeliz situação deve ser levada com tanta graça e tacto quanto o Senhor nos conceda. Há cruces a tomar ao seguirmos Cristo. E pode ser que esta seja uma delas. É ainda verdade que não somos dignos de Cristo se não estivermos dispostos a escolhê-lho acima de tôdas as outras, mesmo o nosso companheiro no matrimónio.

F. D. N.

E ENTÃO VIRÁ O FIM...

(Conclusão da pág. 5)

tempo com um exame detalhado dêste sonho. Nêste momento êle apenas nos interessa no que afecta ao assunto que estamos tratando, a vinda do Senhor.

O sonho era um pequeno resumo do futuro do mundo desde o tempo de Nabucodonosor até ao tempo em que Deus estabelecerá o Seu reino. Haveria quatro impérios universais, apresentados sob a figura de uma grande estátua feita de quatro diferentes metais — ouro, prata, cobre, ferro. Êstes impérios deveriam sucessivamente tombar, até que o Deus do céu «estabeleceria um reino que nunca mais será destruído». Êste último império era representado por uma pedra cortada da montanha sem mãos, que «despedaçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro». Dan. 2:44-45.

Esta profecia, na sua linha geral, apresenta a história do mundo desde o tempo de Nabucodonosor até ao fim. Informa-nos que haverá quatro impérios universais desde aquêles dias até hoje, e que o quinto império será o Reino de Deus. Há geral concordância entre os comentadores que êstes reinos são a Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Outros impérios se têm levantado, mas não com um caracter universal como aqueles tinham. Só êstes quatro tinham êsse caracter, e nenhum outro haverá até que venha Aquêle a quem pertence o direito de reinar.

Esta profecia é geral na sua natureza, e dá pouca informação definida quanto ao tempo da vinda do Senhor. Nos capítulos sete, oito e nove, certas figuras são acres-

centadas, e setenta «semanãs de anos», como lhe chamam os estudantes da Bíblia, são mencionadas; também as «duas mil e trezentas tardes e manhãs», com certos outros períodos menores de tempo para verificação. Daniel 9:24-27; 8:14. Estas interessantes e um tanto ou quanto intrincadas profecias Cristo sem dúvida incluiu na Sua admoestação para tentar compreender Daniel. Temos de deixá-las por agora, no entanto, visto requererem extenso estudo para completa compreensão.

Para o nosso propósito presente desejariamos encaminhar a mente do leitor para uma passagem em Daniel 12:4: «Mas tu Daniel, fecha estas palavras e sela êste livro, até ao tempo do fim». Seguramente êste texto é um dos que Jesus tinha em mente quando se referiu ao livro de Daniel. Êle estava falando do fim, e dos acontecimentos que o precederiam. Então chamou a atenção para o livro de Daniel, e admoestou-nos a compreendê-lo. Consideremos êste texto à luz da admoestação de Jesus. Haverá nêle alguma luz para nós.

Deve ser notada que o livro de Daniel devia ser fechado apenas até um certo tempo, o «tempo do fim». Então deveria ser aberto. Isto quer dizer que o livro de Daniel não foi escrito naquela altura para os povos da antiguidade, mas para aquêles que viveriam próximo do fim dos tempos. Como nós estamos agora próximo do fim, podemos confiantemente crer que o livro de Daniel foi escrito para êste tempo, para a geração de hoje.

O Capítulo VII de Daniel

Segundo Fr. Heitor Pinto

(Conclusão da pág. 6)

esta interpretação seja preciosa, faltou ainda a Fr. Heitor Pinto relacionar êstes três anos e meio com os 1260 dias de Apoc. 12:6, atribuir a cada dia o valor de um ano (V. gr. Ezeq. 4:5,6), e alargar o periodo de perseguição aos santos de Deus para 1260 anos.

Mas o juizo estabelecer-se-á, e eles tirarão o seu dominio, para o destruir e para o desfazer até ao fim (v. 26). — «Isto é, Cristo sentar-se-á como juiz para proferir as sentenças de todos, e será destruído o poder do Anticristo e de todos os tiranos». (fol. 146).

*

A interpretação dada pelo douto lente de

Coimbra ao cap. VII de Daniel não é, decididamente, a última palavra sobre o assunto. Depois dêle muitos mais queimaram as pestanas estudando o Santo Livro, muitos mais se debruçaram perante êle em espirito de oração e com inteligências ávidas de verdade. É-nos grato reconhecer, no entanto, que a contribuição dada por Fr. Heitor Pinto representa mais do que um esforço sincero, — o encontro de algumas chaves para a decifração exacta dos símbolos apresentados pelo longividente contemporâneo de Nabucodonosor.

Ernesto Ferreira.

“ PERSISTE EM LER...”

S. Paulo a Timóteo — 1.ª Epist. 4:13

«Não devem ser cultivadas tendências de inferioridade no ministério evangélico. Nenhum empreendimento deve ser conduzido desde que tenda a fazer passar o ministério da Palavra como assunto de inferior importância. Não é assim, de facto. Quem amesquinha o ministério amesquinha o próprio Cristo. A mais elevada de todas as funções é o ministério nas suas variadas fases e devemos colocar diante da juventude a ideia que não há trabalho mais abençoado por Deus do que o do ministro evangélico.

«Alguns jovens fazem esforços especiais para entrar no ministério sem real aptidão para êle. Não percebem que têm de ser ensinados antes de poder ensinar. Apontam para ministros que, com pequena preparação, tiveram uma certa medida de êxito. Esquecem-se que a medida de êxito de tais ministros se deveu a terem colocado alma e coração no seu trabalho. E quanto mais produtivo não teria sido o seu ministério se, desde o início, tivessem recebido treino conveniente! A Obra de Deus necessita de homens eficientes. A educação e o treino são considerados, com toda a razão, essenciais na vida comercial; quanto mais essencial não será a preparação cuidadosa no trabalho de apresentar a última mensagem de misericórdia ao mundo. Esta preparação não se pode obter ouvindo apenas os pregadores. A Juventude deve ser treinada para as suas responsabilidades. Devem receber um treino completo sob a direcção de professores experimentados. Precisam de fazer o melhor uso possível do seu tempo no estudo e pôr em prática o conhecimento adquirido. Estudo persistente e trabalho aplicado são quesitos requeridos para fazer um ministro de êxito ou um trabalhador produtivo em qualquer actividade da causa de Deus. Nada menos do que um cultivo constante desenvolverá o valor dos dons que Deus nos confiou para sábio desenvolvimento.

«Os professores nas escolas públicas são obrigados a aplicar-se com cuidado ao estudo, a fim de se prepararem e instruir outros. Estes professores não são aceitos se não passarem um exame crítico e as suas capacidades para ensinarem outros têm de ser comprovadas por juizes competentes. Pois não deveria haver menores precauções nos exames dos ministros; os que pretendem entrar no sagrado trabalho de ensinar a verdade Bíblica ao mundo deviam ser cuidadosamente examinados por homens fiéis e experimentados.

«Muito se tem perdido na Causa pelo trabalho deficiente de homens que possuem habilidade mas que não têm a preparação bastante. Entraram num trabalho que êles não sabem como conduzir e o resultado foi fazer pouco. Não fizeram a décima

parte do que poderiam ter feito se tivessem recebido a recta disciplina, desde o principio. Apanharam umas poucas idéias, arranjaram-se de forma a organizar uma série de alguns discursos e aqui ficou o progresso dêles. Sentem-se competentes para ensinar quando mal sabem o a, b, c, do conhecimento da verdade. Desde então têm andado aos tropeções não prestando justiça nem ao trabalho nem às suas próprias pessoas. Parece que não têm interesse em despertar as suas inergias adormecidas nem de excitar as suas potencialidades de forma a tornarem-se obreiros eficientes. Não se dão ao incómodo de formar planos completos e bem delineados e os seus trabalhos mostram deficiência em tudo. Quem não tem instrução, treino e polimento não está preparado a entrar num campo onde as poderosas influências do talento e da instrução combatem as verdades da Palavra de Deus. Também não poderão, com êxito, defrontar as formas estranhas do erro, resultante da mistura de religião e filosofia, na exposição do qual se requiere conhecimento das ciências e da verdade das Estruturas.

«Um ministro nunca deve pensar que já aprendeu bastante e que pode, finalmente, relaxar os seus esforços. A sua instrução deve continuar através da sua vida; cada dia deve aprender e pôr em prática os conhecimentos adquiridos. O ministério está enfraquecendo porque homens assumiram a responsabilidade de pregar sem terem obtido a preparação necessária para o seu trabalho. Muitos cometeram um erro em receber as suas credências. Deveriam ter escolhido outro trabalho para o qual estão mais adaptados do que o de pregadores da Palavra. Alguns quando entram no ministério não sentem a responsabilidade do trabalho. Têm falsas idéias dos predicados de um ministro. Pensam que tal trabalho requiere pouco estudo atento nas ciências ou na Palavra de Deus, com o fim de obter a aptidão indispensável. Alguns pensam que a instrução e um conhecimento completo das Escrituras é de pouca consequência desde que sejam somente homens que têm o Espírito. Mas Deus nunca envia o Seu Espírito para apoiar a ignorância. Pode ter piedade e tem-na e até abençoa os que estão em situações em que se torna impossível para êles obter educação; algumas vezes condescende em tornar a Sua força perfeita na fraqueza humana. Mas é dever de tais pessoas estudar a Sua Palavra.

(Frases extraídas do livro «Obreiros Evangélicos».)

E. G. WHITE

LEIS HIGIÊNICAS DO VELHO TESTAMENTO

por **A. V. Olson**

De tempos a tempos, alguns aparentemente sinceros Adventistas do Sétimo-Dia, sentem certa confusão na sua mente em face dos argumentos de certos inimigos da verdade que mantêm que as proibições do Velho Testamento contra a ingestão de certos alimentos cárneos faziam parte da lei cerimonial que foi pregada na cruz, e, por conseguinte, não tem mais validade.

Aquêles que tomam esta posição, quer consciente quer inconscientemente, esquecem o facto que ao lado das leis moral e cerimonial que Deus deu ao Seu povo, através de Moisés, havia outras leis e ordenanças, incluindo leis de higiene. Algumas destas ordenanças, tais como diversas regras e regulamentos civis, tinham aplicação local e temporária e desapareceram com o estado Judaico. Outros preceitos e máximas eram fundados sobre princípios perenes e fundamentais, e, conseqüentemente, tinham aplicação universal, permanecendo para sempre de pé.

A lei concernente aos dízimos, fornece-nos um bom exemplo desta última classe. O sistema do dízimo não formava parte da lei cerimonial que consistia de tipos e sacrifícios que terminavam na cruz. Também não fazia parte, nem tinha a sua origem ou fim nas leis civis e políticas que desapareceram com o estado Judaico. Existiu centenas de anos antes de Moisés a dar por escrito aos filhos de Israel, e vigorará até que o trabalho evangélico haja sido completado. Lemos da pena inspirada da Irmã White:

«O sistema do dízimo remonta muito atrás dos dias de Moisés. Era requerido dos homens que oferecessem a Deus dádivas para fins religiosos, antes que o sistema definido fôsse dado a Moisés, por gerações que chegavam aos tempos de Adão. Ao cumprirem com a vontade de Deus, deviam manifestar em ofertas a sua apreciação pela misericórdia e bênçãos recebidas. Isto foi continuado através de gerações sucessivas, e foi executado por Abrahão, que pagou dízimos a Melchisedec, o sumo sacerdote do Altíssimo.

O mesmo princípio existiu nos dias de Jobe, Jacobe, quando em Bethel, exilado e sem um vintém na algibeira, deitou-se ao cair da noite, solitário e abandonado, com uma pedra por travesseiro, e ali prometeu ao Senhor: «De tudo o que Tu me deres certamente te darei o dízimo». *Testemunhos, Vol. 3, pág. 395.*

«O sistema especial do dízimo foi fundado sobre um princípio que é tão imutável, como a própria lei de Deus». *Testemunhos, vol. 3, pág. 404.*

«O sistema prescrito aos Hebreus não foi repellido ou abandonado por Aquêlé que o originou. Em vez de ter perdido hoje a sua fôrça, era para ser agora mais cumprido e mais extenso, assim como a salvação por Cristo só devia ser mais completamente trazida à luz na era Cristã». *Testemunhos, vol. 3, pág. 392.*

Da mesma maneira a lei que dizia respeito às carnes impuras ou imundas não era uma parte da lei cerimonial transitória, mas era dela bastante separada, e fundada num velho e duradoiro princípio, um princípio que regia a saúde e o bem estar do corpo humano. De acôrdo com as Escrituras, o homem não deve comer ou beber nada que prejudique ou destrua a sua alma ou corpo. Esta é a razão porque a bebida forte foi condenada pelo Senhor. É a razão também porque certos alimentos foram proibidos. O Criador sabia que a carne de certas aves, animais e peixes não era boa para uso do homem. Por isso declarou êsses animais impuros e mandou ao Seu povo que dêles não comesse. Êste pensamento é claramente apresentado nas seguintes citações da serva do Senhor:

«Nas indicações dadas por intermédio de Moisés era proibido comer qualquer carne imunda. O uso da carne de porco, e da carne de certos outros animais, era proibido, igualmente como encher o sangue de impurezas e encurtar a vida». *The Desire of Ages, pág. 617.*

«Sabeis que o uso da carne de porco é contrário ao Seu expresso mandamento, dado não porque quizesse mostrar espe-

cialmente a Sua autoridade, mas, porque o seu uso seria prejudicial àquêles que dela comessem». *Testemunhos, vol. 2, pág. 96.*

A distinção, pois, entre os animais puros e impuros, não era devida primariamente a um decreto arbitrário de Jeová, mas a uma diferença existente entre a carne de duas classes de animais. Essa diferença ainda existe, logo tem de existir também o princípio que envolvia a proibição contra o uso das carnes impuras. Este princípio, é nosso dever respeitá-lo. Tem a mesma força sobre nós que tinha sobre o povo de Deus nos tempos do Velho Testamento.

Nunca devia ser esquecido que as leis judiciais de Moisés continham muita instrução moral que era baseada em princípios eternos de justiça. Estes princípios são tão válidos hoje, como foram sempre. Este facto importante tem sido reconhecido por muitos chefes religiosos no passado. Os autores da «*Westminster Confession of Faith*» (Confissão de Fé de Westminster) julgaram de suficiente importância incorporar-lo na sua declaração de fé. Depois de afirmarem que «As leis judiciais ou máximas políticas legadas pelos Judeus perderam a sua validade», acrescentam, «Contudo onde quer que nessas leis aparecem princípios de justiça eternos, eles são obrigatórios ainda hoje — não por nelas serem encontrados, mas em virtude de sua própria natureza».

Satanáz sabe que os livros de Moisés contêm informações, instruções, admoestações e indicações da mais alta importância para o povo de Deus hoje, e por isso êle procura cegar os seus olhos para não verem o verdadeiro valor dessas porções das Sagradas Escrituras. Sabe também que se conseguir destruir a sua fé nessas partes em breve êles acabarão por perder a fé em todo o resto do Velho Testamento, e por último em toda a Bíblia. Há já uma indiferença alarmante entre professores Cristãos para com o Velho Testamento. Contra esta indiferença crescente devemos guardar-nos a nós próprios com zeloso cuidado.

A afirmação reiterada que os livros do Velho Testamento foram escritos para o antigo Israel e que têm pouco ou nenhum valor para nós, é uma heresia perigosa. A ideia é contrária aos ensinamentos do Novo Testamento. O Apóstolo Paulo declara que os registos das relações de Deus com o Seu povo desde a antiguidade foram

«escritos para nossa admoestação, para quem já são chegados os fins dos séculos». I Cor. 10:11. Jesus, referindo-se aos escritos do Velho Testamento chamados «As Escrituras», disse: «são elas que de mim justificam». Usava-as livremente no Seu trabalho. «E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dêle se achava em tôdas as Escrituras». Luc. 24:27. Eram estas Escrituras aquelas a que Paulo aludia ao escrever a Timóteo: «E que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-se sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus». II Tim. 3:15. Eram estas as principais escrituras conhecidas e usadas quando êle fez a sua afirmação capital: «Tôda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça». II Tim. 3:16.

Não temos o direito de pôr de parte como sendo de pouco valor, êstes escritos sagrados que Deus no Seu amor e misericórdia perservou durante séculos para nós. Não podemos permitir-nos negligenciar aquilo que Êle na Sua sabedoria nos deu para fazer-nos sábios para a salvação. Antes faremos bem de a elas atentar como a «uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrêla da alva apareça em vossos corações». II Ped. 1:19.

Missão de Cabo-Verde

Os nossos missionários Esteves mandam notícias animadoras da ilha da Brava. Continuam a baptizar e os membros da Sociedade dos Jovens vão crescendo em número. Da ilha do Fogo recebemos notícias de se manterem as mesmas probabilidades do passado; chegou a Lisboa o irmão Gregório Rosa que daquela ilha trouxe boas novas. A estas horas os missionários Esteves devem estar a fixar residência temporária no Fogo e abrir uma sala de culto na cidadezinha de S. Filipe.

Dos três estudantes cabo-verdeanos ingressados no Seminário, um partiu para os Estados Unidos, outro vai partir; ficámos apenas com o irmão Pedro de Burgo que não pôde seguir viagem para o Brasil. Estamos, contudo, agradecidos a Deus e esperamos que o único cabo-verdeano da nossa escala seja um activo obreiro. Cabo-Verde tem necessidade de muitas missões nas suas diversas ilhas.

Precisamos de enviar, com urgência, mais um casal missionário para Cabo-Verde.

Através do mundo adventista

Evidências de uma oração atendida

O seguinte ocorreu em Venezuela em 1912. O jovem que havia sido recentemente baptizado, foi preso sob uma falsa acusação e foi libertado em resposta às zelosas orações do pequeno grupo de crentes ali. A sua cela foi aberta por um estranho vestido civilmente, e foi-lhe dito que se fôsse embora. No corredor da prisão passou por um forte guarda que nada lhe disse. De acôrdo com o testemunho de um oficial da policia que mais tarde interroguei sôbre o assunto, êle não foi libertado por nenhuma autoridade oficial, nem ninguém na policia soube por quem é que êle foi pôsto em liberdade. E por qualquer razão que não podiam explicar, não sentiam disposição para prendê-lo outra vez.

F. G. Lane.

O leito de morte de um infiel

Há alguns anos um indivíduo bem conhecido e altamente respeitado no mundo religioso, narrou aos meus ouvidos o seguinte incidente.

No comêço da sua vida, quando com um companheiro do colégio fazia uma viagem de férias à volta do Continente, em Paris o seu amigo foi surpreendido com uma doença alarmante. Foi imediatamente chamado um médico de grande celebridade, o qual declarou que o seu caso era bastante crítico, e que muito poderia depender de um minuto de atenção às suas direcções. Como não houvesse ninguém à mão em quem pudessemos facilmente fazer confiança, pedimos-lhe para nos recomendar uma enfermeira digna e de experiência. Êle mencionou uma, mas ajuntou: «Você pode julgar-se feliz, se conseguir que ela aceite prestar-lhe os seus serviços; pois ella é tão desejada em tôda a parte na vizinhança, que é muito difficil encontrá-la livre».

O narrador tomou imediatamente um trem, foi a casa dela, e com grande satisfação, encontrou-a em casa. Explicou-lhe brevemente ao que ia, e pediu a sua immediata comparência.

«Mas antes que eu consinta acompanhá-lo, permita-me, senhor, disse ella, «fazer-lhe uma simples pergunta: o seu amigo é Cristiano?»

«Sim», repliquei, «certamente, é um cristão no mais alto sentido da palavra, um homem que vive no temor de Deus. Mas poderia eu saber a razão da sua pergunta?»

«Senhor», respondeu ella, «eu fui a enfermeira que assistiu Voltaire na sua última doença, e por nenhum dinheiro da Europa eu quereria ver outro infiel morrer». — *Ford's Damascus.*

As Escrituras em 1.055 línguas

Com a adição de quatro novas línguas nas quais as Escrituras ainda não tinham préviamente aparecido, pelo menos alguma parte da Biblia está agora traduzida em 1.055 línguas e dialectos, de acôrdo com um relatório publicado pela Sociedade Biblica Americana. A África recebeu três destes

novos dialectos — Bandi, falado na Libéria; Okala para o Congo Belga; e Moba, falado no Togo. O quarto, Sora, é falado no sudeste da India.

O sumário das línguas é como segue:

Línguas nas quais a Biblia inteira tem sido publicada	184
Línguas nas quais todo o Novo Testamento tem sido publicado	229
Línguas nas quais pelo menos um livro completo tem sido publicado	554
Línguas nas quais apenas seleções tem sido publicadas	88
Número total de línguas nas quais alguma porção da Biblia tem sido publicada..	1.055

Uma classe de geologia em embarços

A Associated Press relata o embarço de uma classe de geologia de uma Universidade americana. Sob a direcção do professor, os membros da classe visitaram uns rochedos que, segundo as regras da geologia, tinham nada menos que 250.000.000 de anos. E ali, ao quebrarem alguns pedaços de rocha, encontraram uma actínea (anémoma do mar) fossilizada, de linhas perfeitíssimas, e tão perfeitamente conservada na forma e contôrno, que tôda a classe podia testemunhar que era em todos os detalhes exactamente igual a qualquer actínea das muitas que encontramos hoje nas nossas praias.

«Esta descoberta», diz a Associated Press, «aparece efectivamente a tempo de desfazer as fantasias em que muitos «homens de ciência»!* têm envolvido uma actínea pre-histórica; porque isto mostra que as actíneas não mudaram num quarto de biliões de anos».

* A exclamação é nossa.

W. A. S.

Tinham pago os seus Dízimos

No departamento de Magdalena vive um fiel Irmão que é empregado da Companhia dos Telephones na cidade capital de seu departamento. Êste Irmão tem uma grande familia, mas tem recebido um salário comparativamente baixo por causa dos privilégios do Sábado que lhe concederam. A sua espôsa em várias ocasiões tem sugerido que êles deviam escrever à direcção da Companhia e pedir um aumento no ordenado. O marido sempre replicou que Deus conhece as suas necessidades, e se fôsse sempre fiéis nos seus dízimos, em devido tempo viria o auxilio.

Um dia marido e espôsa fizeram do assunto motivo especial de oração. As suas necessidades tinham-se tornado muito prementes. Na manhã seguinte depois do marido ter partido para o escritório, tocou o telefone. Através dos fios a espôsa ouviu a voz de seu marido annunciando que tinha boas noticias para ella. Na sua secretária essa manhã, encontrára uma carta do Director a sua atenção tinha sido chamada para o seu salário, e a companhia decidia dar-lhe um aumento que seria retroactivo até ao mês precedente. Ouvimos de muitas bençãos maravilhosas recebidas neste campo por aquêles que são fiéis no pagamento dos seus dízimos.

W. H. Bergherm

Notícias dos Campos da União Portuguesa

Missão de S. Tomé

Temos recebido boas notícias do nosso missionário Grave. Conta ficar na missão até ao verão de 1944, se não houver complicações graves de saúde. Têm continuado a fazer baptismos precedidos de casamentos e desta forma a nossa Congregação vai crescendo. A obra da instrução também lhe recebe os seus cuidados; na última carta, dizia-nos que tinha uma escola a funcionar na Trindade.

A Missão de S. Tomé é muito merecedora da nossa simpatia, tem tódas as possibilidades de se tornar uma boa missão salvadora e lembrem-nos dela nas nossas preces. A Juventude destina as suas colectazinhas durante este ano para S. Tomé e vamos procurar aumentar as forças evangelizadoras naquela bela ilha.

Missão Madeirense

Recebeu já os nossos irmãos Ribeiro bem como o irmão Mendonça, nosso aluno na Escola. Aguardamos a chegada dos nossos irmãos Raposo que devem estar em Lisboa no momento em que esta notícia é lida. Esperamos que a Missão da Madeira continuará a sua marcha para maiores progressos e que a nossa igreja do Funchal tenha muitos e bons auditórios às pregações do Evangelho. A escola primária da irmã Dulce Vasco contribuirá também para a Evangelização do Funchal.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Campanha das Missões

Realiza-se como de costume. Numerosos grupos das diversas congregações percorrem muitas terras, visitam muitas casas e falam a milhares de pessoas nas missões adventistas. Milhares de folhetos estão sendo distribuídos juntamente com as nossas revistas missionárias. Tódas as nossas simpatias deve acompanhar os valerosos elementos empenhados nesta difícil tarefa. Oremos pelos que trabalham e pelos que gentilmente recebem as nossas revistas.

Congregação de Tomar

Tivemos a oportunidade de a visitar por ocasião do casamento da nossa irmã Judite Mendes com o irmão Gomes, de Lisboa, e verificámos a boa disposição de todos os irmãos e irmãs fiéis. Entre a nossa juventude contam-se também alguns elementos activos principalmente entre as meninas. O certo é que o nosso irmão Cordas pertence ao número dos obreiros felizes que não precisam de pedir socorro às outras congregações para o trabalho da Campanha. Temos a certeza de que obterão o seu alvo como, aliás, sempre.

Congregação de Vila-Real

Está de parabens a estas horas pois ficou instalada na nova sede, em prédio muito decente e bem situado na melhor rua da vila, graças à boa vontade dos nossos irmãos Pereira. O nosso irmão E. Miranda está também empenhado em pregar o Evangelho em Castro Marim onde organizou uma sala decente. Deus que tem permitido tódas estas coisas ajudará também a salvar os Seus escolhidos naquêle lindo recanto de Portugal. Oremos pela nossa Congregação e pelo Algarve.

Congregação de Setúbal

Está organizada definitivamente a nossa Congregação onde nos últimos tempos houve baptismos. Deus tem abençoado os esforços do nosso irmão Simões e dos primeiros membros daquêle centro importante. A nossa Sociedade da Juventude tem feito progressos. Tudo isto nos deve alegrar.

Congregação do Barreiro

Ficou entregue aos cuidados dos irmãos Miguel e está animada bem como a Juventude onde contamos com alguns elementos para o Seminário. A nossa simpatia continuará com a Obra no Barreiro, grande centro do país.

A tódas as Congregações desejamos uma Campanha das Missões com alegria, liberdade e êxito.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mensal

Director: A. Dias Gomes
Redactor: Ernesto Ferreira
Administrador: A. F. Raposo

Redacção e Administração

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — LISBOA-Norte

Número avulso 1\$00
Assinatura anual..... 5\$00

Composto e Impresso na
Tip. GOMES & RODRIGUES
32, Rua dos Picóes, 34—Lisboa

SUMÁRIO

- Sinais da Vinda de Cristo*, por Edwin Thiele.
E então virá o fim . . . por M. L. Andreasen.
O Capítulo VII de Daniel, segundo Frei Heitor Pinto, por Ernesto Ferreira.
O Adventismo (crítica ao livro do Sr. P.º Rolim) por A. Dias Gomes.
Que lêis? por F. D. N. (extraído da Review & Herald)
Um assunto difícil para as recém-convertidas esposas e mães, por F. D. N. (extr. da Review & Herald)
Leis higienicas do Velho Testamento, por A. V. Olson.
Atravez do Mundo Adventista, da Review & Herald.